

O ADJETIVO 'FALSO' NUMA PERSPECTIVA MULTISSISTÊMICA DA LÍNGUA

*Dedilene Alves de Jesus**

*Gesieny Laurett Neves Damasceno***

Resumo: Este artigo objetivou analisar o adjetivo 'falso' nos contextos discursivos em que seu uso evidencie um caráter qualificativo (predicativo) ou de negação (privativo). Estamos considerando essa representação a partir do sintagma adjetival (SAdj), tido como núcleo lexical com conteúdo semântico, em estruturas como 'revólver falso'. O *corpus* para análise é composto por textos retirados da internet, através da ferramenta de buscas *Google*. Enfatizamos que o viés para tal estudo será a análise a partir de três eixos: a) a Abordagem Multissistêmica da Língua (CASTILHO 2006, 2010), que analisa o caráter dinâmico, multidirecional e translinear nos processos linguísticos (língua-enquanto-processo); b) a abordagem formalista, no que diz respeito à primeira concepção de adjetivo privativo (KAMP, 1975), às condições de verdade (CHIERCHIA, 2003) e à noção de homonímia (CARVALHO, 2005); c) a abordagem cognitivista, através dos conceitos de cognição (SILVA, 2010), de adjetivos privativos (COULSON, 2001) e de tensão homonímica (SILVA, 2006; 2010).

* Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave: adjetivo privativo; tensão homonímica; abordagem multissistêmica da língua

Introdução

O objeto de estudo focado neste artigo é o adjetivo 'falso' em acepções predicativas e

privativas. Como orientação para nossa análise, temos os seguintes objetivos: a) verificar em quais contextos discursivos o adjetivo 'falso' se apresenta (tanto no sentido



negativo, quanto no qualificativo); b) verificar até que ponto o critério de posição do adjetivo influencia em sua significação (CASTILHO, 2010); c) no caso do adjetivo privativo, identificar elementos no discurso, na semântica e na gramática que permitam sua manifestação.

Também nos cabe levantar algumas questões norteadoras para nossa pesquisa:

a) A posição do adjetivo 'falso' em relação ao substantivo, no uso da linguagem, necessariamente altera o sentido do substantivo?

b) A dupla interpretação gerada pela presença de 'falso' junto a alguns substantivos é entendida como polissemia ou como homonímia?

c) Existem restrições para a manifestação de dupla interpretação do adjetivo 'falso'?

d) Quando podemos dizer que o adjetivo 'falso' é privativo?

Para dar conta de tais questões, faremos uso de arcabouço teórico baseado em princípios cognitivistas, formalistas e multissistêmicos.

Embasamento teórico

As análises aqui apresentadas, conforme mencionamos, encontram

seus fundamentos teóricos nos princípios funcionalistas da Linguística Cognitiva e da Abordagem Multissistêmica da Língua. Inicialmente, abordaremos o conceito de cognição, com vistas a desfazer possíveis ambiguidades – visto que o tema é amplo e pode acarretar múltiplas significações, dependendo da perspectiva teórica utilizada. Em seguida, apresentaremos os princípios da Abordagem Multissistêmica da Língua, cerne das discussões propostas neste artigo. Ao longo do trabalho, falaremos ainda a respeito da homonímia e da “nova” rotulação dada pelos cognitivistas para processos com características homonímicas. Serão discutidas também questões sobre as condições de verdade e a negociação do léxico diante dos mecanismos de negação. Além disso, em seções subsequentes, discorreremos a respeito do adjetivo privativo, tanto na visão formalista, quanto na cognitivista.

No que diz respeito à cognição, o conceito mais coerente com nossa abordagem é o estudado por Silva (2010, p. 46):

- (i) a cognição é situada, já que a atividade cognitiva tem sempre lugar num contexto sócio-cultural;
- (ii) a cognição é





distribuída, pela repartição do esforço cognitivo entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos; e (iii) a cognição é sinérgica, como atividade de colaboração entre indivíduos, não só sincrônica, mas sobretudo sócio-histórica, cujos mecanismos são a imitação e os recentemente descobertos “neurônios espelho”.

Quando nos referimos à cognição situada, temos em mente a noção de que o contexto em que se manifesta o discurso ajuda a determinar sua significação; da mesma forma, entendemos que a interação conversacional produz uma ativação *online* de significados, a partir de princípios de cooperação, que fazem emergir sentidos diferenciados, mesmo quando fazemos uso da mesma forma linguística (GRICE, 1975).

Conforme mencionamos, o objetivo principal deste artigo é analisar o adjetivo ‘falso’ a partir de uma perspectiva multissistêmica, ou seja, o intuito maior é empreender uma análise que considere os sistemas semântico, sintático e discursivo. Para tanto, utilizamos os preceitos da Abordagem Multissistêmica da Língua, que é entendida como o arcabouço teórico fundamentado na concepção de um

dispositivo sociocognitivo que articula os sistemas linguísticos (Léxico, Discurso, Semântica e Gramática), fazendo com que eles ajam de forma dinâmica, não hierarquizada e concomitante. Tal teoria possui uma abordagem baseada na ciência dos sistemas complexos (muito difundida nas áreas de pesquisa da Economia, Meteorologia e Psicologia), que trabalha sob os seguintes pressupostos:

1. Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança – como queria Heráclito.

2. Os sistemas não são lineares, são dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível.

3. Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo a passo, linearmente. Eles são adaptáveis e auto-organizados.

4. As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes.

5. Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta.





6. A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.

7. Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos, nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro.

A partir de tais pressupostos, Castilho (2011) elaborou as seguintes premissas:

(1) Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.

Os processos de organização das línguas são complexos, operando de forma simultânea, dinâmica e multilinear. São esses os domínios de tais processos: lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

(2) Do ângulo de seus produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.

Como produto, a língua é um conjunto de categorias englobadas simultaneamente em quatro sistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Esses sistemas não são hierarquizados (o que gera a ausência de sistemas

centrais e periféricos), mas articulados por um dispositivo sociocognitivo. O que se admite é que qualquer expressão linguística exibe características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, ao mesmo tempo.

Na perspectiva de fundamentação da teoria multissistêmica funcionalista-cognitivista, existem os seguintes postulados:

(a) A língua se fundamenta num aparato cognitivo.

(b) A língua é uma competência comunicativa.

(c) As estruturas linguísticas não são objetos autônomos.

(d) As estruturas linguísticas são multissistêmicas, ultrapassando os limites da gramática.

(e) A explicação linguística deve ser buscada numa percepção pancrônica da língua.

(f) Um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos.

O avanço na análise a que nos propomos depende da explicitação do último postulado – sobre o dispositivo sociocognitivo. Castilho (2010) afirma que tal dispositivo articula os





processos e produtos linguísticos captados pelos sistemas lexicais, discursivos, semânticos e gramaticais. O dispositivo citado se fundamenta em dois eixos: a) cognitivo, através de categorias cognitivas (pessoa, espaço, tempo, objeto, visão, movimento e evento) e suas subcategorias; b) social, a partir da análise continuada das situações que ocorrem numa conversa (turnos conversacionais). É importante salientar que as categorias cognitivas possuem caráter pré-verbal, ao passo que suas subcategorias são linguísticas.

Os princípios sociolinguísticos gerenciam os sistemas linguísticos, sendo discriminados a seguir:

- *ativação*: fundamentado no princípio de projeção conversacional; é responsável pela ativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais; também caracterizado pela inserção de tópico novo.

- *reativação*: fundamentado na correção pragmática, através da repetição, da paráfrase, da organização do sintagma e da recorrência da preposição na formação de preposições complexas.

- *desativação*: fundamentado na estratégia conversacional de

despreferência, através da manifestação do fonema elíptico, morfema-zero, argumentos sentenciais vazios, elipse do verbo e descontinuação do quadro tópico.

Metodologia e objeto de análise

De acordo com o embasamento teórico utilizado, nosso objetivo é analisar os processos decorrentes do uso de tal item modificador em construções retiradas da *internet*, para se configurar o quadro da negação gerada ou não por esse uso. Como foi dito, analisaremos tais itens nos três dos quatro sistemas linguísticos disponíveis: o semântico, o discursivo e o gramatical¹.

O mecanismo de busca da *internet* (Google) é uma forma de corroborarmos o uso de determinadas estruturas, para verificação do processo apresentado. O critério para busca desses itens foi o de seleção do 'adjetivo + substantivo ligado à pessoa', já que observamos, intuitivamente, que o sentido do adjetivo 'falso' torna-se ambíguo quando relacionado a pessoas ('loura

¹ Por abranger, basicamente, o processo de formação de palavras, a análise do quarto sistema apresentado pela Abordagem Multissistêmica, isto é, o sistema lexical, não se enquadra no foco de estudo deste artigo.





falsa' / 'falsa loura') e é mais objetivo em relação a coisas ('revólver falso' / 'falso revólver'), mantendo um único sentido, o de privativo. Na busca realizada, selecionamos 75 contextos

discursivos em que aparece a construção N+Adj/Adj+N. Observamos, nos dados coletados, as seguintes acepções:

Acepção	Construção
Estado civil	Marido falso, falso marido, esposa falsa, noivo falso, noiva falsa
Parentesco	Falso sobrinho, sobrinho falso
Pessoa	Popozuda falsa, loura falsa, falsa loura, grávida falsa, menina falsa, menino falso, carioca falso, mineiro falso, falsa bonita, falsa magra, bonita falsa
Status religioso	Crente falso, falsos crentes, profeta falso, falso profeta, pastor falso
Profissão	Repórter falso, falso repórter, empregado falso, médico falso, dentista falso, professor falso, falsa professora, vendedor falso, vendedora falsa, psicóloga falsa, policial falso
Relacionamento	Amigo falso, falso amigo
Agente	Fumante falso, falso fumante, falso sequestrador, sequestrador falso, maconheiro falso

Quadro 1: Acepções do adjetivo 'falso' no *corpus* analisado

Enfatizamos que a seleção inicial ocorreu devido ao número de frequência dos resultados no Google, mas consideramos, para este trabalho, somente os casos em que tínhamos um contexto discursivo suficiente para embasar nossa análise dentro da perspectiva multissistêmica

da língua. Também optamos pelas ocorrências que geravam ambiguidades, somadas à disposição variada do adjetivo (ora posposto, ora anteposto ao substantivo).

Nos dados coletados, percebemos os seguintes percentuais em relação à posição do adjetivo:





Adjetivo posposto ao substantivo	Adjetivo anteposto ao substantivo
60 ocorrências – 80%	15 ocorrências – 20%

Quadro 2: Percentual de ocorrência quanto à posição do adjetivo

Ressaltamos, mais uma vez, que a posição em que aparece não é parâmetro suficiente para determinar a predicação ou privatividade do adjetivo. O contexto discursivo torna-se mais relevante que tal aspecto.

O adjetivo ‘falso’ e a Abordagem Multissistêmica

Conforme foi mencionado, este estudo apoia-se na teoria dos sistemas complexos, em especial, na perspectiva Multissistêmica da Língua, proposta por Castilho (2010). As análises apresentadas a seguir consideram o sintagma adjetival a partir de três sistemas linguísticos (a saber: o semântico, o gramatical e o discursivo), governados pelos princípios do dispositivo sociocognitivo (ativação, reativação e desativação).

‘Falso’: o sistema semântico

Quanto às propriedades semânticas do adjetivo, Castilho (2010) reconhece três grandes classes. São elas:

1. Adjetivos predicativos – de ordem livre, são os que fazem a predicação, isto é, mantêm uma relação com o escopo, atribuindo traços semânticos, papéis temáticos e casos gramaticais ao mesmo. São três os tipos de predicativos: (i) modalizadores (verbalizam um juízo emitido sobre o conteúdo do substantivo – ‘consequência óbvia’), (ii) qualificadores (afetam as propriedades intencionais da classe-escopo – ‘relativa disposição’) e (iii) quantificadores (afetam a extensão do substantivo – ‘cerveja habitual’).

2. Adjetivos de verificação – de ordem mais fixa, são os que possuem a característica de promover uma comparação implícita entre seu escopo e o correspondente sentido prototípico, a partir do estabelecimento ou não do valor de verdade. Ou seja, os adjetivos de verificação são não-predicativos (ou adjetivos relativos), tendo por função dispor o conteúdo do substantivo em diferentes perspectivas, como em



'reforma *universitária*' e 'energia *solar*'.

3. Adjetivos dêíticos: são os que dispõem sua classe-escopo numa perspectiva locativa e temporal. Apresentam a seguinte subdivisão: (i) dêíticos locativos – *próximo, remoto, distante* etc. e (ii) dêíticos temporais – *atual, semanal, passado* etc.

No *corpus* analisado, o adjetivo 'falso' apresentou duas acepções: (i) o adjetivo predica o sentido de um substantivo numa forma subjetiva, visto que ele verbaliza uma avaliação pessoal do falante sobre o conteúdo desse substantivo (adjetivo predicativo) e (ii) o adjetivo altera a condição de verdade do substantivo. Com relação a esta função, não foi possível enquadrá-la na proposta de Castilho (2010), por isso, incluímos neste trabalho uma quarta classe de adjetivos: a dos privativos.

O caráter privativo do sintagma adjetival, com função modificadora do referente, foi abordado inicialmente por Kamp (1975). Os adjetivos privativos são compreendidos como funções de propriedades para propriedades, ou seja, são funções que se aplicam a nomes; essas funções diferem de acordo com o tipo

de adjetivo (DALLA PRIA, 2008). Esse tipo de adjetivo caracteriza-se pela modificação que causa no significado do substantivo – 'revólver falso' não é um revólver de verdade, isto é, o sintagma adjetival 'falso' muda a propriedade do substantivo 'revólver'.

Kamp (1975) estabeleceu o seguinte postulado para esse tipo de adjetivo: Para cada propriedade P e cada $w \in W$, $F(P)(w) \cap P(w) = \emptyset$. Lê-se: "para cada propriedade P e para cada w ("mundo possível") \in ("pertencente a") W ("o conjunto não vazio de todos os mundos possíveis"), $F(P)(w)$ ("o significado F na propriedade P e no mundo possível w ") \cap ("interseccionada com") $P(w)$ ("a propriedade P no mundo possível w ") = \emptyset ("é um conjunto vazio)". Isso quer dizer que o adjetivo privativo transforma a condição de verdade do sintagma nominal.

Anos mais tarde, Coulson (2001) descreve o comportamento dos adjetivos privativos em língua inglesa ('fake', 'false', entre outros). No modelo de criação de sentido dos adjetivos privativos, temos várias perspectivas para o mesmo referente discursivo. Há três processos envolvidos: unificação, união prioritária e coerção metonímica. A





unificação é estabelecida quando não há propriedades conflitantes entre o escopo e seu operador (marido fiel – espera-se, em nossa sociedade, que o operador seja entendido como reforço do escopo, já que se pressupõe que todo cônjuge tenha a lealdade como sinal de boa conduta). O processo de união prioritária ocorre quando há o domínio do modificador sobre o escopo, no caso de propriedades conflitantes ('marido falso' – o modificador domina o escopo, gerando uma interpretação do que não é esperado). A coerção metonímica refere-se à ação do modificador sobre a estrutura de valor-atributo do escopo, negando suas propriedades centrais ou pondo-as em tensão ('falso marido' – há o caráter de negação da propriedade de 'ser marido').

O uso do adjetivo privativo é checado pelo *frame*, ou seja, se temos um *frame* que caracterize a negação de propriedades intensionais do referente, estamos diante de um privativo (ex.: *frame* de assalto – falso revólver / revólver falso). Para ser privativo, o adjetivo dependerá da perspectivização do falante e do papel-valor de seu referente. Ser real ou falso é um conceito socialmente construído.

Com relação aos conceitos de negação e condição de verdade, podemos nos apropriar da ideia apresentada por Corrêa (2008, p. 145), embasada nos conceitos de Wittgenstein, de natureza bastante filosófica, mas suficiente para uma discussão inicial. O autor afirma que o caráter formal de uma negação “é dado pela operação com a qual a construímos, pois ela consiste em uma regra que estabelece relações formais entre estruturas proposicionais”. Isso quer dizer que existem relações estabelecidas quando construímos a negação, e também há um todo complexo envolvendo tal processo. A operação da qual fala o autor diz respeito a um procedimento recursivo, isto é, aplicado de modo reiterado; em contrapartida, o caráter recursivo de uma operação formal não é reconhecido na negação, considerada a parte análoga da operação de verdade.

Colocando tal questão em dados linguísticos, quando temos a construção 'falso revólver', há a paráfrase 'revólver que não é de verdade', no sentido de negação de propriedades do objeto mencionado (não é feito de aço, não possui cano para projetar munição e





compartimento para guardá-la, não pode ser engatilhado e disparar). Então, ‘falso revólver’ refere-se a um objeto que possui características aparentes de uma arma, mas não tem características funcionais da mesma, sendo que em determinados contextos uma ou todas as negações citadas entre parênteses se manifestam.

Segundo Chierchia (2003), o significado de uma sentença é dado por suas condições de verdade. Essas condições seriam formuladas a partir da referência das palavras que as compõem; assim, a interpretação semântica seria, literalmente, uma função de estruturas sintáticas a significados, ou seja, teríamos um *input* na expressão analisada sintaticamente e um *output* no significado da sentença. Quanto às construções com ‘falso’, temos uma expressão formada pelo adjetivo privativo e o substantivo como *input* e o significado ligado à negação de propriedades como *output*.

Ainda ponderando sobre a questão das condições de verdade, Chierchia (2003) discorre acerca da função modificadora. Segundo o autor, trata-se de uma ‘renegociação’ do léxico gerada pela necessidade de se referir a classes e relações não

familiares. Segundo ele, os modificadores exercem a função de qualificar, modificar e enriquecer as expressões predicativas, definindo classes e relações sempre novas, a partir das que já se encontram codificadas no léxico. Essa modificação pode ter caráter progressivo, como percebemos a seguir: um homem / um homem alto / um lindo homem alto / um lindo homem alto e moreno / um lindo homem alto e moreno do Recife / um lindo homem alto e moreno do Recife, que eu conheci no ano passado.

Borba (2007, p. 58) apresenta-nos a ideia de especialização do adjetivo, casos em que sintagmas como ‘melancólico’ e ‘triste’, mesmo pertencendo à mesma área semântica, selecionam Ns diferenciados: “triste vai para qualquer animado – Meu cachorro fica triste quando me vê triste. – melancólico, só para humano [Cp Meu pai tem andado muito melancólico ultimamente – *(?) Meu gato tem andado muito melancólico ultimamente.]”. O autor ressalta que tal seleção é típica da função denotativa, não podendo ser considerada, completamente, quando se trata de elementos presentes em contextos de linguagem mais figurada, mais polissêmica, pois “na circulação





do léxico, os traços migram, combinam-se e recombina-se, de tal forma que é preciso atentar para cada contexto, para, por essa via, chegar à significação da construção” (*op. cit.*).

Diante da dupla possibilidade de significação ativada pelo adjetivo ‘falso’, coube-nos questionar se tal fato é um caso de polissemia ou de homonímia. A esse respeito, apresentamos a seguir algumas considerações.

A visão mais tradicional do fenômeno homonímico estabelece critérios diacrônicos para diferenciá-lo da polissemia; já foi comprovado que tais critérios não são suficientes para essa distinção. Estruturalistas como Mattoso Câmara Jr. (1970) adicionaram o critério de distribuição de formas, ligado às funções sintáticas, como meio para a percepção das diferenças entre homonímia e polissemia.

Estudos mais recentes, baseados no cognitivismo, apontam que a visão aristotélica sobre homonímia seria a mais adequada para avançarmos na compreensão de tal fenômeno. O filósofo grego considera homônimos

os nomes que só têm em comum o nome, enquanto a

noção de sua essência é distinta. Por exemplo, animal tanto é um homem como um homem em pintura; ambas estas coisas têm de comum apenas o nome, enquanto a noção de essência designada pelo nome é diferente. Se nos pedirem para definirmos o que é ser animal no caso do homem e no caso da pintura, daremos, em cada caso, uma definição própria exclusiva a cada caso. (*Categorias, apud CARVALHO, 2005, p.2*)

Tal concepção está embasada na perspectiva das propriedades do ser, eixo principal das definições aristotélicas a respeito da lógica intensional. Carvalho (2005) ainda descreve os tipos de homonímia:

(i) Homônimos desconectados (acidentais, linguísticos). Por exemplo, a fruta manga e manga de camisa.

(ii) Homônimos espúrios (sem sobreposição de definições, mas mesmo assim não acidentais). Por exemplo, mão de uma pessoa viva e mão decepada ou mão de um morto. Também homem e pintura de homem.

(iii) Homônimos conectados (não acidentais com sobreposição de definições). Por exemplo, a justiça.

Diante disso, estamos considerando a homonímia como um fenômeno semântico, uma vez que as



questões diacrônicas e de distribuição de formas não dariam conta de explicar sua manifestação no discurso.

Silva (2006, 2010), ao falar sobre o verbo 'deixar' e suas significações, refere-se ao termo *tensão homonímica* – processo

decorrente da formação de significados diferentes em volta de protótipos. No caso de 'falso', pode-se dizer que o significado de desvio de caráter concorre com o de negação (marido falso x revólver falso), sendo resolvida tal questão através de pistas interpretativas no discurso:

[1] Pior do que marido falso é marido de verdade.

(<http://pseudointelectualoides.blogspot.com.br/>)

No exemplo em [1], 'de verdade' ativa a significação de não-marido na construção 'marido falso', silenciando a interpretação de desvio de caráter, esperada pela convencional posposição do adjetivo (forma não-marcada).

'Falso': o sistema gramatical

Além de apresentar propriedades semânticas diferenciadas, o adjetivo 'falso',

dependendo da aceção ativada, também apresenta propriedades gramaticais bem específicas, conforme veremos nesta seção.

No que diz respeito à colocação do adjetivo em relação ao substantivo, os dados demonstraram que, de modo geral, 'falso' encontra-se na subclasse dos adjetivos de ordem livre, pois goza de plena liberdade de colocação, como demonstram os exemplos a seguir:

[2] No Brasil, criar um **perfil falso** é considerado um ato ilícito?

(<http://idgnow.uol.com.br>)

[3] Luciana Gimenez se irrita com **falso perfil** do filho de um ano no Twitter.

(<http://www.redetv.com.br>)

A concepção de alteração de sentido associada à colocação dos

adjetivos é bastante divulgada nos trabalhos sobre essa classe. De modo





geral, a ideia divulgada nos compêndios gramaticais é a de que, quando se antepõem, os adjetivos favorecem uma predicação mais subjetiva do substantivo, ressaltando seus valores afetivos, como em *grande homem*, cuja significação é *excelente homem*. Entretanto, os dados desta pesquisa evidenciaram que, no uso efetivo da língua, constantemente ocorre a desativação da relação posição do adjetivo/ construção de sentido, uma vez que a anteposição ou a posposição do adjetivo 'falso' não se revela como fator determinante na significação. Com relação ao favorecimento de uma predicação mais subjetiva na posição anteposta, não poucas vezes a colocação do adjetivo 'falso' frustra essa expectativa, visto que o falante verbaliza uma avaliação pessoal através de construções cujo adjetivo se encontra posposto, como demonstrado no exemplo [4], e, também, ativa uma significação menos subjetiva em construções em que ocorre a anteposição, como em [5]:

[4] "O que fazer com um **marido falso**? Meu marido é uma coisa nas costas e outra na frente e ainda por cima quem fica por ruim sou eu."

(<http://br.answers.yahoo.com>)

[5] **Falso estudante** de medicina é preso por assédio sexual.

(<http://www.salademergencia.com.br/2012/04/>)

Como exemplo de autores que afirmam que a anteposição ou a posposição do adjetivo afeta o processo semântico, citamos, ainda, Castilho (2010). Com vistas a corroborar essa ideia, o autor apresenta os seguintes exemplos: falso estudante / estudante falso e suposto comunista / comunista suposto. No primeiro elemento, segundo o gramático, a anteposição do adjetivo tem um efeito negativo sobre o substantivo ('alguém que não é estudante' / 'alguém que não é comunista'); no segundo, o item adjetival pressupõe que 'há um estudante' e 'há um comunista'. Acerca do sintagma adjetival 'estudante falso', citado por Castilho (2010), faz-se importante ressaltar



que, nos dados analisados, essa construção não se revelou produtiva no uso efetivo da língua. Sintagmas adjetivais formados com substantivos como 'estudante' e 'médico' não apresentaram variação quanto à posição do adjetivo. Nesses casos, a anteposição do adjetivo desvendou-se como a única forma efetivamente empregada pelos usuários da língua. Além da não ocorrência posposta, uma busca mais criteriosa revelou ainda que, nas construções com esses substantivos, o adjetivo 'falso' exerce somente a função privativa, ou seja, não há registros no *corpus* analisado do sintagma adjetival 'estudante falso' ou 'médico falso' no sentido de desvio de conduta (função predicativa). Uma das explicações para tal questão pode estar no fato de não ser relevante, quando se trata de profissão, por exemplo, destacar características de fingimento ou deslealdade, visto serem esses desvios de caráter mais

perceptíveis quando há uma relação mais afetiva, o que não é o caso, pois nas relações profissionais, em que tais substantivos são ativados, prevalece, na maioria das vezes, a relação mais formal e, portanto, menos intimista.

Se a posição do adjetivo em relação ao substantivo não é critério suficiente para determinar qual acepção de 'falso' está sendo ativada (se na função predicativa ou privativa), alguns outros fatores gramaticais se apresentaram como elementos que auxiliam nessa diferenciação de forma mais eficaz, como é o caso da gradação e da coordenação.

Quando exerce a função de privativo, o adjetivo 'falso' não admite a gradação. Assim, por ser essa uma propriedade exclusiva do adjetivo na função predicativa, o uso de um intensificador desfaz possíveis ambiguidades, conforme demonstrado em [6]:

[6] "Hoje, fiquei muito feliz, pois uma **mulher falsa** estava sendo demitida do local onde trabalho, comentei com minhas amigas, que adoraram a notícia." (função predicativa ou privativa?)

(<http://vidademerda.com.br>)





[6.1] Hoje, fiquei muito feliz, pois uma **mulher muito falsa** estava sendo demitida do local onde trabalho, comentei com minhas amigas, que adoraram a notícia.” (função predicativa)

(alterado)

Da mesma forma, no *corpus* como em [7] e [8], respectivamente, analisado, a coordenação entre não foram encontradas. Portanto, adjetivos demonstrou ser por ser a coordenação uma propriedade específica do adjetivo característica particular dos ‘falso’ na função predicativa. predicativos, ela também pode Construições que apresentassem auxiliar na desconstrução de coordenação entre privativos ou possíveis ambiguidades, como entre um privativo e um predicativo, vemos em [9]:

[7] *Revólver falso e de madeira.

[8] (?) Revólver falso e perigoso.

[9] “Mais uma **mulher falsa** em minha vida.” (função predicativa ou privativa?)

(<http://www.youtube.com>)

[9.1] “Mais uma **mulher falsa e egoísta** em minha vida.” (função predicativa)

A diferença sintática entre a função predicativa e a função privativa também se revelou produtiva no que diz respeito à cadeia referencial. Nas construções com adjetivo privativo, parece haver maior incidência das formas nominais (repetidas ou novas) como elemento anaforizador (ou de reativação), como vemos em [10]. Já no que diz respeito aos adjetivos predicativos, a forma pronominal é bastante recorrente nas reativações referenciais, como demonstrado em [12].

[10] **Falso estudante** da UESPI é preso acusado de estelionato

O jovem confessou que sempre esteve ciente de que estava cometendo um crime





O estudante Rafael da Silva Borges, 26 anos, foi preso na tarde desta quarta-feira (26/05) acusado de estelionato e falsificação de documentos. **O rapaz** se passava por Pedagogo formado pela Universidade Estadual do Piauí, onde jamais cursou uma graduação, para tentar conseguir uma passagem do Piauí para o Mato Grosso do Sul, onde arranjava uma oportunidade de emprego como cabeleireiro.

Em entrevista à TV Cidade Verde, **o jovem** confessou que sempre esteve ciente de que estava cometendo um crime.

(<http://wap.180graus.com/geral>)

[11] Essa comunidade é para pessoas que assim como eu tem **um crente safado** em casa, se fazendo de anjo e pregando coisas que não pratica, se vc conhece **algum crente** assim esta é a comunidade certa e olhe que fui crente 10 anos imagina a decepção, Lembrando que não tenho nada contra a religião protestante mas sim como existe a praga na plantação existe **o crente** que so é **crente** na rua mas quando mostra sua verdadeira face que decepção! (lembrando que não quero ofender a religião e sim **aqueles** que pregam o amor e não pratica que prega a humildade e de humilde nem o nome)

(www.orkut.com.br)

[12] Vc reconhece uma **amiga falsa** quando vc vê **ela** falando cm alguém e logo após **ela** chega falando mal aí vc vê que é amiga da onça.

(<http://www.youtube.com>)

Os exemplos supracitados evidenciam que o fato de os referentes tomados como foco serem animados não é determinante na escolha da forma linguística que marcará a reativação, pois tanto 'estudante' como 'amiga' possuem as propriedades de serem [+humano] e [+animado].

Mesmo na função predicativa, o adjetivo 'falso' rejeita o verbo copulativo *estar* e os prefixos de negação, concentrando, assim, um número menor de propriedades em relação ao protótipo da categoria, descrito em Castilho (2010). Assim, as construções [13] e [14] não são admissíveis na língua:





[13] *O amigo está falso.

[14] *Amigos desfalsos/infalsos.

'Falso': o sistema discursivo

As análises apresentadas nas seções anteriores levaram em conta as propriedades semânticas e gramaticais do adjetivo 'falso'. Agora, veremos a situação desse item também à luz de suas propriedades discursivas.

O discurso é entendido pela teoria multissistêmica da língua como o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversação através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização dos sentimentos; (iii) se organiza essa interação através do subsistema de correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse (CASTILHO, 2010, p. 133).

O uso do adjetivo 'falso' na função predicativa ou privativa apresentou, nos textos coletados,

uma relação bastante estrita com os gêneros textuais que permeiam o universo da *internet*. Como nos explica Marcuschi (2008, p. 155), os gêneros textuais são os textos que encontramos diariamente e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto, também é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, visto que toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos pertencentes a algum gênero. Tendo em vista a distribuição proposta por Marcuschi (2008), na maioria das ocorrências, os adjetivos privativos foram encontrados nos gêneros do domínio discursivo²

² Os domínios discursivos, segundo Marcuschi (2008, p. 193), são esferas da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, familiar etc.) nas quais se dão práticas que



jornalístico, em especial, nas reportagens. Em contrapartida, os adjetivos predicativos, em sua maioria, foram ativados nos gêneros do domínio discursivo interpessoal, como os *blogs*, as salas de bate-papo, entre outros.

A relação existente entre as funções de 'falso' e os gêneros discursivos em que essas funções são acionadas evidencia que a organização textual se dá numa complexa relação entre linguagem, interação e pensamento. Por exemplo, o predomínio de 'falso' no sentido de desvio de conduta nos gêneros do domínio interpessoal parece estar associado ao fato de as pessoas buscarem desenvolver, nessas redes sociais, relações mais próximas e, conseqüentemente, estarem mais preocupadas com as questões referentes ao caráter das pessoas com as quais se relacionarão. Assim, pelo fato de esses *sites* virtuais focalizarem temas relacionados a sentimentos e comportamentos nas relações interpessoais (como falsidade, amor, amizade, lealdade, hipocrisia etc.), cria-se um ambiente favorável para a

organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão.

ativação da função predicativa do adjetivo. Em contrapartida, o uso mais recorrente da função privativa e a não ocorrência da função predicativa nos gêneros do domínio discursivo jornalístico podem ser explicados por intermédio de raciocínio inverso ao anterior: os gêneros que compõem esse domínio discursivo, como a reportagem, não privilegiam os temas relacionados às avaliações subjetivas que são feitas em relação a determinados fatos ou em relação a outras pessoas, como é o caso de alguém ser julgado como sendo uma pessoa falsa. As práticas sociais que organizam a forma de comunicação por intermédio do gênero reportagem jornalística levam os locutores a privilegiarem temas que, de alguma forma, afetam a organização da sociedade como um todo e cujos fatos podem ser percebidos e, até mesmo, comprovados, como é o caso de um falso médico, que exerce a função sem as credenciais necessárias.

No que se refere à organização tópica dos textos analisados, o adjetivo 'falso', tanto na função predicativa como na privativa, foi amplamente utilizado como apresentador de tópico discursivo, conforme demonstrado em [15], em que o tópico discursivo 'falsa





psicóloga' é mantido e desenvolvido reativam o sentido do sintagma ao longo de todo o texto por adjetival: intermédio de novas construções que

[15] **Psicóloga falsa** presa por torturar crianças

Acusada “tratava” autistas com agressões

Rio de Janeiro – Uma **falsa psicóloga** que atendia crianças numa clínica em Botafogo, Zona Sul do Rio, foi presa na manhã deste sábado (7). O titular da Delegacia do Consumidor, Maurício Luciano, revelou que **a mulher acusada** responderá pelo crime de tortura. O marido, suspeito de ser conivente com os crimes, segue solto.

Segundo relatos de várias testemunhas à polícia, **a suspeita** usava tratamentos extremamente agressivos para fazer com que as crianças autistas que “tratava” se alimentassem. “Ela dispensava um tratamento de intervenção familiar que não é correto. Terapeutas relataram em depoimento que ela imobilizava as crianças, amarrando pernas e braços, para fazer com que elas comessem. Em alguns casos, cobria a boca das crianças para que não cuspissem a comida”, descreveu o delegado Maurício Luciano.

A **falsa psicóloga** tratava de crianças autistas em um centro de tratamento especializado. Além do crime de tortura, **a acusada** será indiciada por estelionato, propaganda enganosa e exercício ilegal da profissão.

(<http://coletivo.maiscomunidade.com/conteudo>)

Outra função importante determinante na construção dos exercida pelo adjetivo ‘falso’ no referentes discursivos, como sistema do discurso está relacionada exemplificado em [16], em que não é à construção dos referentes. Ao qualquer amigo que é mais temível exercer a função de modificador do que um animal selvagem, mas substantivo, o adjetivo ‘falso’ torna-se somente o ‘amigo falso e maldoso’:

[16] “Um **amigo falso e maldoso** é mais temível que um animal selvagem; o animal pode ferir seu corpo, mas um falso amigo irá ferir sua alma.”

(<http://pensador.uol.com.br>)





Considerações finais

Neste trabalho, analisamos o adjetivo 'falso' em relação aos sistemas semântico, gramatical e discursivo em textos retirados da *internet*. No sistema semântico, constatamos que o sintagma adjetival ativa duas funções semânticas: a predicativa e a privativa. Apesar de as duas funções parecerem bem dissociadas, entendemos que as duas acepções de 'falso' não podem ser qualificadas como um caso de homonímia, no sentido estrito do termo, visto que ainda há entre elas uma conexão quanto à significação (o de 'parece ser, mas não é'). Diante desse quadro, adotamos a noção de *tensão homonímica* para explicar o fenômeno desencadeado.

O sistema gramatical demonstrou que, constantemente, ocorre, no uso concreto da língua, a desativação da relação entre a posição do adjetivo quanto ao substantivo e a ativação do sentido, postulada por muitos estudiosos. Os dados demonstraram que a posição de 'falso' não é fator determinante na construção da significação.

Quanto ao sistema discursivo, a ativação das funções predicativa e privativa mostrou-se bastante correlacionada aos gêneros

discursivos. A função predicativa foi ativada, na maioria das ocorrências, nos gêneros do domínio interpessoal. Em contrapartida, o sintagma adjetival privativo demonstrou-se mais produtivo nos gênero do domínio discursivo jornalístico, em especial nas reportagens.

Além dessas, julgamos relevantes algumas outras observações, como:

a) No *corpus*, percebeu-se que construções como 'falso médico' e 'psicóloga falsa' ocorreram indiscriminadamente, fazendo com que se torne, na amostra recolhida, irrelevante a posição do adjetivo para o entendimento do papel-valor dos referentes na sociedade brasileira.

b) O adjetivo 'falso' torna-se privativo quando ativa o caráter de negação de propriedades intensionais do referente a que se liga; tal ativação é reforçada por estratégias discursivas e terá sua significação dada, quase sempre, no contexto da interação.

O estudo elaborado aqui, ao considerar uma abordagem transdisciplinar de análise linguística, permitiu corroborar a ideia de que os sistemas que compõem a língua são simultâneos e dinâmicos. Conforme se percebeu, não há entre eles uma





hierarquia, mas um dispositivo intermédio dos princípios de ativação, sociocognitivo que os coordena, por reativação e desativação.

THE 'FALSE' ADJECTIVE IN A APPROACH MULTISYSTEMIC TO LANGUAGE

Abstract

This article aims to analyze the 'false' adjective in discursive contexts in which its use evidences a adjective (predicate) or denial (private) character. We are considering this representation from the adjectival phrase (AP), considered core lexical with semantic content, in structures such as 'fake revolver'. The corpus for analysis consists of texts taken from the Internet through the Google search tool. We emphasize that the bias for this study is the analysis from three axes: a) Multisystemic Approach to Language (CASTILHO 2006, 2010), which analyzes the dynamic, multidirectional and cross linear character in linguistic processes (language-as-process); b) the formalist approach, regarding the first conception of private adjective (KAMP, 1975), to the truth conditions (CHIERCHIA, 2003) and the homonymy notion (CARVALHO, 2005); c) the cognitive approach, through concepts of cognition (SILVA, 2010), private adjectives (COULSON, 2001) and homonymic tension (SILVA, 2006; 2010).

Keywords: private adjective; homonymic tension; multisystemic approach to language.

Artigo submetido para publicação em: 24-03-2014

Aceito em: 28-07-2014

REFERÊNCIAS:

BORBA, F. (2007). Propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do léxico. *Revista (Con)textosLingüísticos*: Mestrado em Estudos Lingüísticos



(PPGEL), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n. 1. Vitória: PPGEL.

CARVALHO, J. (2005). Aristóteles e os tipos de homonímia. **Revista Eletrônica de Ética e Filosofia**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, v. 2.

CASTILHO, A. (2010). **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto.

_____. (2011). Representações das categorias cognitivas e sua diacronia Interface Linguística cognitiva – Linguística histórica. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 13(1), p. 63-87.

CHIERCHIA, G. (2003). **Semântica**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.

_____.; MCCONNELL-GINET, S. (1990). **Meaning and grammar**. Cambridge: The MIT Press.

CORRÊA, R. S. (2008). A negação como uma operação formal. **O que nos faz pensar?**, n. 23, junho.

COULSON, S. (2001). **Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction**. Cambridge University Press.

_____.; FAUCONNIER, G. (1999). Fake Guns and Stone Lions: Conceptual Blending and Privative Adjectives. In: B. Fox, D. Jurafsky, & L. Michaelis. (eds.) **Cognition and Function in Language**. Palo Alto, CA: CSLI.

DALLA PRIA, A. (2008). Uma proposta de descrição formal de adjetivos intersectivos, subsectivos e não-predicativos no inglês e no português. **Ícone-Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, p.16-30.

FILLMORE, C. J. (1982). Frame semantics. In: **Linguistics in the Morning Calm**, Seoul, Hanshin Publishing Co., 111-137.

GRICE, H. P. (1975). Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (eds.). **Syntax and Semantics**, vol. 3. New York: Academic Press.





KAMP, J. A. W. (1975). Two theories about adjectives. In: Keenan, E. L. **Formal semantics of natural language**. Cambridge: Cambridge University Press.

KEWITZ, V. (2007). **Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (século XIX e XX)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LANGACKER, R. W. (1987). **Foundations of Cognitive Grammar**, v. 1. Stanford University Press.

MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola.

NEVES, M. H. M. (2007). **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto.

SILVA, A. (2006). **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Editora Almedina.

_____. (2010). Palavras, significados e conceitos o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, n. 41, p. 27-53.

WITTGENSTEIN, L. (1968). **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.